



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
PRÓ-REITORIA DE ENSINO MÉDIO, TÉCNICO E EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA.  
CURSO DE PEDAGOGIA.  
PARFOR/CAPE/UEPB**

**ANA FLÁVIA VIANA NASCIMENTO**

**A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

**CAMPINA GRANDE – PB  
NOVEMBRO/2017**

**Ana Flávia Viana Nascimento**

## **A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à  
Universidade Estadual da Paraíba como requisito  
parcial para obtenção do título de Licenciatura em  
Pedagogia.

**Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Ma. Marilene Dantas Vigolvin**

Campina Grande-PB

Novembro/2017

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do Trabalho de Conclusão de Curso.

N244i Nascimento, Ana Flavia Viana.  
A importância da literatura na educação infantil  
[manuscrito] / Ana Flavia Viana Nascimento. - 2017  
25 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação EAD em  
Primeira Licenciatura em Pedagogia do Parfor) - Universidade  
Estadual da Paraíba, EAD - Campina Grande, 2017.

"Orientação : Profa. Ma. Marilene Dantas Vigolvinho , Pró-  
Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação à Distância."

1. Educação Infantil. 2. Literatura Infantil. 3. Contador de  
estórias.

21. ed. CDD 372.24

ANA FLAVIA VIANA

A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Trabalho de conclusão de Curso apresentado à  
Universidade Estadual da Paraíba, como requisito  
parcial para obtenção do título de Licenciatura em  
Pedagogia.

Aprovada em 18/11/2017

NOTA 10,0

Marilene Dantas Vigolvinio  
PROF. MA. MARILENE DANTÁS VIGOLVINO - UEPB

Orientadora

Elvira Bezerra Pessoa  
PROF. MA. ELVIRA BEZERRA PESSOA / UEPB

Examinadora

Rosicleide Henrique da Silva  
PROF. MA. ROSICLEIDE HENRIQUE DA SILVA

Examinadora Externa

## AGRADECIMENTOS

Agradeço à Deus por livrar-me das tempestades que se aproximaram e não me abalaram onde em ti confie e aqui cheguei.

“A minha filha”

Ninguém cresce sozinho. Sempre é preciso um olhar de apoio, uma palavra de incentivo, um gesto de compreensão, uma atitude de segurança, obrigada por ter sido o meu estímulo de fazer este curso, pela valiosa troca de experiência e espírito de amizade, o meu muito obrigada.

“Ao meu filho”

Que sempre torce por mim, mesmo nos momentos de estresses.

“Ao meu esposo”

Muito obrigada pelo apoio e dedicação que sempre teve comigo, incentivando-me nas horas que eu mais precisei.

“A minha mãe”

A você mamãe, que me deu a vida, sei que mesmo sem demonstrar tem orgulho de me ver chegar até aqui.

“Ao meu pai”

A você meu pai, enquanto estava comigo ensinou-me o verdadeiro caminho para seguir com responsabilidade. Como queria que você estivesse comigo, compartilhando de uma etapa na minha vida, mas o senhor se foi tão cedo, e só nos deixou saudades e a certeza que um dia iremos nos encontrar.

In memoriam.

“A minha irmã”

Obrigada por tudo, sempre que precisei estava pronta para ajudar.

“A minha comadre”

Também fez parte dessa construção, sempre me apoiando, dando força e me ajudando sempre que precisei.

“A minha orientadora”

Prof<sup>a</sup>. Ms. Marilene Dantas Vigolvinho, pelo carinho, dedicação e paciência que sempre teve comigo no decorrer dos meus estágios e agora na elaboração deste artigo. No início me deu vontade de desistir, mas você, com suas palavras de otimismo, incentivou-me a crescer. Muito obrigada.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>05</b>
<b>2. A EDUCAÇÃO INFANTIL E SUA RELAÇÃO COM A LITERATURA.....</b>	<b>07</b>
2.1. Histórico e importância da educação infantil: breve resgate.....	07
2.2. A literatura na educação infantil: desafios atuais.....	10
2.3. A formação do profissional da educação infantil.....	13
2.4. A prática da literatura infantil na sala de aula.....	15
<b>3. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>20</b>
<b>4. REFERÊNCIAS.....</b>	<b>22</b>
<b>5. APÊNDICE.....</b>	<b>25</b>

NASCIMENTO, Ana Flávia Viana. **A importância da literatura na educação infantil.** Artigo apresentado à Universidade Estadual da Paraíba/Coordenadoria Institucional de Projetos Especiais da Plataforma Freire – PARFOR- Curso de Primeira Licenciatura em Pedagogia. Campina Grande/PB.25p.

## RESUMO

Reconhecer a importância da literatura infantil e incentivar a formação de hábitos para a leitura na infância é o que este artigo vem analisar. A literatura infantil é o elo mágico que liga a criança da educação infantil, primeira etapa da educação básica, ao mundo maravilhoso dos contos de fadas, fábulas e demais histórias contidas nos mais variados suportes literários, porém o que vai instigar à vontade na criança pelo mundo literário é a forma com que pais e professores repassam a leitura para ela. É necessário, então, que os livros sempre estejam presentes na vida dos alunos tornando-se essa leitura mais que especial e prazerosa, já que uma boa literatura desenvolve a interação, a cognição, além de ser uma fonte de fantasia e prazer. Para a elaboração desse trabalho foi realizada uma pesquisa teórica, que teve como referencial metodológico a pesquisa bibliográfica, a partir da leitura de autores como: Abramovich (2008); Cunha (1990); Cunha (2003); Girardello (2006); Rocha (1983); Sisto (1992); Mackey e Reganhan (2009); Paço (2009). O referido artigo aborda questões como a importância da educação infantil, os desafios da literatura infantil, a formação do profissional da educação infantil, a prática da literatura em sala de aula e concluiu-se ser fundamental a utilização dessa ferramenta em sala de aula para despertar pequenos leitores, principalmente da educação infantil e estimulá-los a viver o mundo da imaginação, que nem sempre pode ser experimentado na realidade.

**Palavras-chave:** Educação Infantil; Literatura Infantil; Formação do profissional da educação infantil/contador de histórias.

## 1. INTRODUÇÃO

A leitura é a porta que nos permite entrar em contato com outros mundos, ampliar horizontes e desenvolver a compreensão e a comunicação. Sendo assim podemos ressaltar o valor da leitura infantil na formação de futuros leitores, principalmente sob a forma de contação de histórias, bem como o quanto é relevante o incentivo das instituições educacionais para o crescimento de indivíduos críticos e para a formação de leitores competentes.

Assim, na sociedade atual em diversos espaços físicos é visível determinadas situações que, de certa forma, valoriza o contador de histórias, em especial nas salas de aula das escolas de educação infantil e ensino fundamental. Esse contador, via de regra, utiliza-se de um texto escrito, o que lhe é exigido certa capacidade e habilidade para organizar e usar a linguagem, assim como, a expressão corporal, gestual, vocal e espacial, de modo que possa transformar esses momentos em eventos de comunicação oral. Apoiando-se nas histórias do livro, o professor/contador de histórias preocupa-se em escolher previamente os textos e selecioná-los de acordo com o público para o qual vai contar. Se este público for as crianças da educação infantil a aproximação dos alunos com os contos será um momento de muita riqueza, desde que a leitura lhe seja oferecida de forma lúdica e prazerosa.

Deste modo, este artigo tem por objetivo analisar a contação de história como ferramenta metodológica pode contribuir para que os alunos da educação infantil desenvolvam o interesse pela leitura. Assim trabalhamos a leitura e a escrita com as crianças trazendo textos que envolvessem personagens de contos infantis, mais próximos do seu universo cultural e imaginário para tornar a leitura atrativa e estimular a participação de todos. Por isso, escolhemos o clássico “Branca de Neves e os Sete Anões”. Esta escolha foi resultado da vivência na fase de observação, etapa exigida no estágio supervisionado do curso de Pedagogia da Universidade Estadual - PB, realizada na Escola Municipal Nila Ferreira, na turma de Educação Infantil Pré 1, na cidade de Fagundes - PB, quando analisando o contexto da sala de aula percebermos que poderíamos contribuir para melhorar a prática docente, principalmente, no tocante a grande dificuldade que os alunos apresentavam para ouvir histórias e recontá-las.

Diante disso, buscamos neste artigo analisar as discussões elaboradas por estudiosos acerca da contribuição que a contação de histórias pode trazer para o desenvolvimento da linguagem oral e escrita das crianças da educação infantil, abordando questões como a

importância da educação infantil, os desafios da literatura infantil, a formação do profissional da educação infantil, a prática da literatura em sala de aula. Para tanto, foi realizada uma pesquisa teórica, que teve como referencial metodológico a pesquisa bibliográfica, a partir da leitura de autores como: Abramovich (2008); Cunha (1990); Cunha (2003); Girardello (2006); Rocha (1983); Sisto (1992); Mackey e Reganhan (2009); Paço (2009) que nos ajudaram a entender ser fundamental a utilização dessa ferramenta em sala de aula para despertar pequenos leitores, principalmente da educação infantil e estimulá-los a viver o mundo da imaginação, que nem sempre pode ser experimentado na realidade.

## **2. A EDUCAÇÃO INFANTIL E SUA RELAÇÃO COM A LITERATURA**

### **2.1. Histórico e importância da educação infantil: breve resgate.**

Pontuando o histórico das creches constatamos que este termo é de origem francesa, significando ‘manjedoura’, e já no italiano seria ‘asilo nido’, ou seja, ninho que abriga. É bem visível a forte marca de assistencialismo, da ideia de local de abrigo para crianças carentes social e culturalmente e que ainda hoje permanece em algumas creches.

Para se entender qualquer conceito que englobe a infância e educação infantil, precisamos fazer alguns embasamentos teóricos e históricos a respeito desses conceitos. Para tanto, tomando por base Mackey e Reganhan (2009, p. 58), os quais enfatizam que “na sociedade medieval era inexistente o sentimento de infância, (...) a criança era vista como um mini adulto; passando o período que a criança dependia da mãe, o indivíduo era incorporado ao mundo do adulto”.

As autoras nos relembram muito bem a concepção e, conseqüentemente, o trato com as crianças na Idade Média. Nessa época, as crianças eram até vestidas e tratadas como pessoas adultas e suas necessidades e cuidados, por vezes, banalizados, e até abusadas, já que não havia cuidados e nem direitos garantidos a elas como seres em desenvolvimento, cabendo aos adultos tratarem delas do modo como os agradavam.

Segundo as referidas autoras, nos séculos XIX e XX, houve certo avanço e preocupação com esses seres em desenvolvimento. Na sociedade industrial surgem instituições que estavam destinadas a cuidar de crianças pequenas, devido às mudanças políticas e econômicas advindas do Capitalismo, que obrigavam as mulheres a auxiliarem os homens no trabalho fora dos lares. Então surge à questão, onde deixar crianças pequenas para

as mães trabalhem? Por isso, a criação das creches que passam a funcionar como guarda, cuidado e sossego para as mães trabalharem em paz e poderem garantir o sustento da família ao lado dos companheiros. Isso pode se perceber nesse texto:

O novo cenário político-social-econômico (capitalismo, urbanismo, elite burguesa, estado de miséria, trabalho feminino, tensão na relação patrão/operário, etc.) gerou reivindicações na sociedade, entre elas, a construção de lugares para que as mulheres trabalhadoras pudessem deixar seus filhos nas horas que passavam fora de casa, reforçando assim, a função da mulher como provedora da família e responsável pelo cuidado com os filhos (Mackeye Reganham, 2009, p.58).

Essas características permaneceram por muito tempo marcando a história da educação infantil, e o Estado teve presença direta, atuando no início, como agente fiscalizador e regulamentador. Abrindo um parêntese aqui só para lembrar que foi inaugurada no ano de 1899 a 1ª creche da Companhia de Fiação e Tecidos no Corcovado Rio de Janeiro, a qual foi idealizada para os filhos das operárias. A trajetória do aparecimento desses estabelecimentos tem ligação às mudanças do papel das mulheres na sociedade, e, em consequência, na família sobre a educação dos filhos.

Entre as décadas de 30 – 50 era insignificante o número de creches instaladas fora das indústrias. Nas décadas de 60 – 70 com o surgindo da teoria da privação cultural, atrelando-se a ideia de marginalização das classes mais pobres, implementa-se o atendimento nas creches vinculada a uma educação compensatória, como estímulo cognitivo e preparo à alfabetização para suprir a carência das crianças menos favorecidas, enquanto isso as pré-escolas particulares atendiam a população mais privilegiada e se preocupavam com criatividade, sociabilidade e desenvolvimento infantil em sua totalidade. As creches serviram durante longos anos como locais para combate à pobreza e mortalidade infantil, pois, seu lema era amparo, proteção e cuidado às crianças pequenas.

Com o fim do regime ditatorial, no final da década de 70, e com o surgimento dos movimentos sociais que tinham como bandeira de luta os direitos dos trabalhadores, encontrava-se a exigência da criação de creches, maternais e jardins de infância para novamente atender aos filhos das mães trabalhadoras, e que fossem assegurados por lei. Também na década de 80, as reivindicações ganham mais força e ampliam-se. Na área da Educação, surgem vários estudos como os de Piaget e novas áreas do saber como a Psicologia, Ciências Sociais, Pedagogia e criação de órgãos como o Conselho Nacional dos Direitos da Mulher- CNDM, que embasados na realidade das mulheres trabalhadoras,

inúmeras conquistas aconteceram, dentre elas: o direito à educação das crianças de 0 a 6 anos de idade. Com isso veio à valorização do ser criança, que está em desenvolvimento e necessita de cuidados e educação diferenciada a do adulto. A primeira infância é um período crucial na vida das crianças, é nesta fase que elas adquirem capacidades fundamentais para o desenvolvimento de habilidades que irão impactar na sua vida adulta, por isso, cuidar da educação infantil é cuidar do futuro das nossas crianças.

A Constituição Federal de 1988 reconheceu as crianças como seres em desenvolvimento e com direito à cidadania, como quaisquer jovens e adultos, logo, a educação infantil deixou de ser um amparo assistencialista para ser espaço de promoção e defesa da cidadania da criança quando passa a se considerar as suas especificidades, tendo como ideia tornar as creches uma instituição educativa (direito da criança, opção familiar e dever do estado).

A educação infantil e sua atual concepção começaram a ganhar importância com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDBEN em 1996, que considerou esta etapa do ensino parte da educação básica:

Art. 29 - regulamenta a Educação Infantil, definindo-a como primeira etapa da educação básica e que tem por finalidade o desenvolvimento integral da criança de 0 a 5 anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade. (LDB, SEÇÃO II, p. 11)

Sendo assim, a ação da educação infantil, seja em creches ou pré-escolas, é entendida como complementar a família e não de substituição da família. Desse modo, elas deverão integrar-se com a família e com a comunidade para que juntas possam desenvolver uma ação integrada, incorporando as atividades educativas aos cuidados necessários às crianças para ajudá-las na compreensão da sua realidade, de acordo com os objetivos explicitados no Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil:

Desenvolver uma imagem positiva de si, atuando de forma cada vez mais independente, com confiança em suas capacidades e percepção de suas limitações;  
Descobrir e conhecer progressivamente seu próprio corpo, suas potencialidades e seus limites, desenvolvendo e valorizando hábitos de cuidado com a própria saúde e bem-estar;  
Estabelecer vínculos afetivos e de troca com adultos e crianças, fortalecendo sua auto-estima e ampliando gradativamente suas possibilidades de comunicação e interação social;  
Estabelecer e ampliar cada vez mais as relações sociais, aprendendo aos poucos a articular seus interesses e pontos de vista com os demais, respeitando a diversidade e desenvolvendo atitudes de ajuda e colaboração;

Observar e explorar o ambiente com atitude de curiosidade, percebendo-se cada vez mais como integrante, dependente e agente transformador do meio ambiente e valorizando atitudes que contribuam para sua conservação;

Brincar, expressando emoções, sentimentos, pensamentos, desejos e necessidades;

Utilizar as diferentes linguagens (corporal, musical, plástica, oral e escrita) ajustadas às diferentes intenções e situações de comunicação, de forma a compreender e ser compreendido, expressar suas ideias, sentimentos, necessidades e desejos e avançar no seu processo de construção de significados, enriquecendo cada vez mais sua capacidade expressiva; Conhecer algumas manifestações culturais, demonstrando atitudes de interesse, respeito e participação frente a elas e valorizando a diversidade (RCNEI (1998, p. 67-78)

É bem verdade, que avançamos bastante, mas ainda é longo o caminho a percorrer para superar os desafios da educação infantil e dentre eles podemos destacar a literatura infantil como ferramenta didática e pedagógica e a formação dos docentes, de modo a garantir o desenvolvimento integral das crianças.

## **2.2. A literatura na educação infantil: desafios atuais.**

Em busca da definição da palavra literatura, encontramos no minidicionário da Língua Portuguesa de Rocha e Silva (2001, p. 377) “arte que emprega como instrumento a palavra; conjunto de produções dessa arte; conjunto de obras sobre uma arte ou ciência”. Sendo assim, a literatura está no meio criativo das linguagens, podendo estar também na palavra falada, na imagem sugerida ou mostrada.

Trazendo esse conceito para a literatura infantil Cagneti (1996 p.7), apud. PAÇO (2009, p. 12) afirma que esta “é, antes de tudo, literatura, ou melhor, é arte: fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem, a vida, através da palavra. Funde os sonhos e a vida prática; o imaginário e o real; os ideais e sua possível/impossível realização”.

Esse conceito nos leva a perceber que a literatura infantil faz as crianças sonharem, viajarem a um mundo novo, mágico, cheios de possibilidades que o mundo da realidade desconhece e não pode oferecer aos pequenos. Porém, na literatura infantil eles têm a chance de buscarem mais fantasia, brilho e imaginação para poderem encarar essa realidade mais dura e inflexível que existe na vida adulta.

A partir do século XVIII, a criança passou a ocupar lugar de destaque na cena familiar e as novas instituições de ensino, nas escolas modernas, divulgavam as ideias vigentes e preparavam a criança para desempenhar seu papel na sociedade, surgindo neste contexto a literatura infantil como gênero, servindo à proposta burguesa de formar mentalidades e impor sua ideologia. Deste modo muitos autores interessaram-se em

publicar e popularizar estórias infantis.

Antes da instituição da literatura infantil era possível distinguir que havia dois tipos de crianças com acesso a uma literatura bem diferente: crianças da nobreza liam os grandes clássicos e as crianças desprivilegiadas liam histórias de cavalaria, de aventuras, incluindo nas classes populares as lendas e os contos folclóricos. (Cunha, 1990). Como podemos perceber, antigamente, a literatura era diferenciada para as crianças da nobreza e crianças desprivilegiadas, porém, nos tempos atuais percebemos que houve uma mudança de concepção de modo que crianças de alto poder aquisitivo e crianças de baixo poder aquisitivo têm acesso a vários tipos de literatura por igual, quebrando assim o paradigma de que só os nobres podem ter acesso a grandes clássicos.

Segundo Cunha, a produção literária para criança continua tendo uma função essencial na formação infantil, porém, ainda há uma resistência entre os educadores e literários, a respeito da existência da literatura infantil, de tal modo que há uma dificuldade dos escritores em admitir que escrevam para crianças, preferem dizer que o fazem sem destinatário certo. Na opinião do referido (1990, p.26) o que parece importante é definir pontos de contato e do afastamento entre a literatura para crianças e para adultos. Para Abramovich (2008, p.16), [...] é importante para a formação de qualquer criança ouvir, muitas histórias... Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo.

Concordamos com essa ideia, tendo em vista, que a leitura é sempre uma aventura, um ato de descobertas de um mundo imaginário. Ler abre a porta do conhecimento, pois, além de atualizar o vocabulário, expande as ideias, os pensamentos e promove o encontro de novas amizades. A leitura oferece uma infinidade de conhecimentos, ela é a porta que, uma vez aberta irá oferecer riquezas para o intelecto de um indivíduo, que formará uma nova mentalidade. Proporcionar as crianças o contato com a leitura, antes de tudo, é uma responsabilidade com a formação dos adultos de amanhã. Para aqueles que não têm a dimensão desse compromisso, fazer uma criança ler é apenas uma atividade de distração, porém enquanto a criança absorve as informações contidas no livro, sua capacidade de compreensão aumenta, tratando-se de algo valioso.

Ao estabelecer a possível relação entre literatura/leitura e prazer, a maioria dos autores deposita essa expectativa nas características do próprio texto literário. Podemos afirmar que no texto literário há um trabalho estético com a linguagem, que suscita o

imaginário, desperta emoções, possibilita a fruição de sentidos múltiplos, ou, como diz Bragatto Filho (1995, p. 14):

(...) com ele aprende-se, reflete-se, compara-se, discerne-se, questiona-se, investiga-se, imagina-se, viaja-se, emociona-se, diverte-se, amadurece-se, transforma-se, vive-se, desenvolve-se a sensibilidade estética e a expressão linguística, adquire-se cultura, contata-se com as mais diferentes visões de mundo.

Assim, podemos entender que uma história tem o poder de entreter e despertar a curiosidade das crianças, como também, enriquecer e estimular a imaginação, auxiliando no desenvolvimento do seu intelecto, desde que seja introduzida nas aulas de forma correta, tendo sempre o objetivo de despertar na criança a curiosidade e o interesse para boas leituras. Neste sentido, quanto mais cedo à criança tiver contato com os livros e perceber o prazer que a leitura produz, maior será a probabilidade de tornar-se um adulto leitor. Da mesma forma, através da leitura a criança adquire uma postura crítico-reflexiva, extremamente relevante à sua formação cognitiva.

Toda estória contada ou lida, é uma experiência nova para o ouvinte. O amor pelos livros não é uma coisa que surge de repente, é necessário ajudar a criança a descobrir o que eles podem oferecê-la. Aos poucos ela ganha intimidade com o livro. Desse modo, pais e professores precisam acreditar que um livro proporciona prazer a criança, por isso, é fundamental instigá-la a buscar essa prática no dia-a-dia, bem como, preocupar-se em oferecer-lhe espaços e oportunidade para essa realização.

O primeiro contato da criança com um texto é realizado oralmente, quando o pai, a mãe ou outra pessoa conta-lhe os mais diversos tipos de histórias. A preferida, nesta fase, é a história da sua vida. A criança adora ouvir como foi que ela nasceu, fatos que aconteceram com ela ou com pessoas da sua família. À medida que cresce, já é capaz de escolher a história que quer ouvir ou a parte da história que mais lhe agrada. É nesta fase, que as histórias vão tornando-se aos poucos mais extensas, mais detalhadas. Abramovich (2008, p. 17), muito bem tem ressaltado que:

Ler histórias para crianças, sempre, sempre... É poder sorrir, rir, gargalhar com as situações vividas pelas personagens, com a ideia do conto ou com o jeito de escrever dum autor e, então, poder ser um pouco cúmplice desse momento de humor, de brincadeira, de divertimento [...] É também suscitar o imaginário, é ter a curiosidade respondida em relação a tantas perguntas, é encontrar outras ideias para solucionar questões [...]

Na prática, isso que um bom contador de história vai saber usar a sua memória, o seu talento, sua imaginação e o uso do corpo para colocar o ouvinte dentro da história que está sendo contada.

O ato de contar histórias é importante mesmo para as crianças que já sabem ler, pois segundo Abramovich (op. cit p. 23) “quando a criança sabe ler é diferente sua relação com as histórias, porém, continua sentindo enorme prazer em ouvi-las”. Quando as crianças maiores ouvem as histórias, aprimoram a sua capacidade de imaginação, já que ao ouvi-las pode estimular o pensar, o desenhar, o escrever, o criar, o recriar. Num mundo tão cheio de tecnologias, onde as informações estão prontas, a criança que não tiver a oportunidade de suscitar seu imaginário, poderá no futuro, ser um indivíduo sem criticidade, pouco criativo, sem sensibilidade para compreender a sua própria realidade. O autor salienta que:

através de uma história que a criança pode descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outras regras, outra ética, outra ótica. É ficar sabendo história, filosofia, direito, política, sociologia, antropologia, etc. sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula (Abramovich, op. cit, p.17).

Ouvir histórias é um acontecimento prazeroso que desperta o interesse das pessoas em todas as idades. Se os adultos adoram ouvir uma boa história, a criança é capaz de se interessar e gostar ainda mais por elas, já que sua capacidade de imaginar é mais intensa. Isso, também, poderá se estender ao folclore, por ser a cultura viva do seu grupo social, a poesia, as fábulas, os contos de fadas, as lendas e os mitos, pois todos são herança cultural que vão sendo transmitidas de geração para geração, cabendo aos educadores tornar essa vivência mais educativa e prazerosa.

### **2.3 A formação do profissional da educação infantil**

A formação de um profissional de licenciatura sempre se apresentou como um grande desafio, manifestado, especialmente, no momento em que tem de unir prática e teoria. Razão pela qual esse problema precisa ser solucionado ou pelo menos minimizado durante sua vida acadêmica, o que via de regra, nem sempre acontece. Inevitavelmente, essa dificuldade se refletirá na sua prática docente.

Sabe-se que um educador responsável com a educação e com o desenvolvimento da aprendizagem de seus alunos é aquele que se compromete a um estudo contínuo de sua área,

e, conseqüentemente, de sua prática, aprimorando-se a cada dia, atendendo as necessidades do alunado, que se modifica constantemente, tendo em vista, a realidade social em que estão inseridos. Assim afirma Fávero, “não é só frequentando um curso de graduação que um indivíduo se torna profissional. É, sobretudo, comprometendo-se profundamente como construtor de uma práxis que o profissional se forma” (1992, p.65) Apoiado neste mesmo pensamento, Oliveira salienta que, além da formação inicial (superior) necessário se faz que haja uma formação continuada do profissional da educação, pois,

É importante proporcionar aos professores de creches e pré-escolas o domínio de conceitos e habilidades necessários para se ter uma atuação junto às crianças, que seja promotora da aprendizagem e do desenvolvimento delas, no sentido de lhes assegurar o direito à infância.

Assim, a formação continuada vem a ser uma necessidade para os profissionais para que estejam sempre se preparando, pesquisando tanto para auxiliar a própria prática, favorecendo a aprendizagem dos alunos como também para poder trabalhar em articulação com colegas, família e comunidade.

É necessário ressaltar o que está posto no Referencial Curricular Nacional para a educação Infantil a respeito da formação do profissional da educação:

Embora não existam informações abrangentes sobre os profissionais que atuam diretamente com as crianças nas creches e pré-escolas do país, vários estudos têm mostrado que muitos destes profissionais ainda não têm formação adequada, recebem remuneração baixa e trabalham sob condições bastante precárias. Se na pré-escola, constata-se, ainda hoje, uma pequena parcela de profissionais considerados leigos, nas creches ainda é significativo o número de profissionais sem formação escolar mínima cuja denominação é variada: berçarista, auxiliar de desenvolvimento infantil, babá, pajem, monitor, recreacionista etc. (RCNEI, 1998, p. 39)

Essa constatação só reforça a problemática da formação continuada, sobretudo da educação infantil. Indo um pouco mais além na defesa da importância da formação continuada dos profissionais da educação a LDBEN dispõe, no título VI, art. 62 que:

“A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nas quatro primeiras séries do ensino fundamental, a oferecida em nível médio, na modalidade Normal”.

Sem dúvida nenhuma a formação inicial é extremamente necessária para o exercício profissional na educação, porém é insuficiente para atender as exigências impostas pela sociedade atual, por isso, a graduação não deve se constituir como único espaço onde os docentes possam aprender sobre a profissão. Neste contexto, a formação continuada surge, justamente, para atender essa necessidade da profissionalização. Pode-se dizer, então, que a formação continuada se revela, hoje, como uma das principais estratégias para a conquista de uma educação de qualidade, uma vez que esse processo de formação do professor envolve a interação entre o conhecimento teórico e prático, possibilitando ao professor desenvolver habilidades para saber lidar com as diferentes situações que surgem na atuação da prática docente, principalmente, na educação infantil. Isto porque as dimensões pessoal, profissional e organizacional podem e devem ser considerados aspectos fundamentais a formação de profissionais da educação, pois como sabemos os saberes docentes emergem de fontes diversificadas.

É bom lembrar que, a formação continuada isolada de outros fatores não dará conta das imensas lacunas existentes tanto na formação inicial como nas condições de trabalho e salarial do professor, mas uma atitude de compromisso do professor, no sentido de considerar um conjunto de decisões no seu dia a dia, no interior da sala de aula e no contexto da organização escolar, abre imensa perspectiva na busca da qualidade da educação.

É bem verdade que, a profissão docente foi e continua, ainda, desvalorizada no Brasil: temos escolas sem condições adequadas para alunos e profissionais da educação; baixos salários; amplas jornadas de trabalho; docentes maus preparados, entre outros. São vários os fatores que contribuem de certa forma, para o esvaziamento ou grande evasão nos cursos de licenciatura.

Apesar das precárias condições da profissão docente, a formação continuada apresenta-se como um fator relevante para a prática docente repleta de significações, o que permite ao educador, principalmente da educação infantil, um domínio satisfatório sobre os conhecimentos profissionais, adequando sua formação as exigências do ato de ensinar, reestruturando, aprofundando e ressignificando os conhecimentos adquiridos na formação inicial.

Nesse sentido, o professor/contador de história na atualidade tem buscado novas performances que possa matrair mais o leitor, exigindo-lhe uma preparação para esse momento. Sisto compara esse momento como uma construção de um filme. Segundo ele:

Temos que visualiza mentalmente cada coisa que vai sendo contada. Seremos capazes de recontá-la de memória sem que tenha sido preciso decorá-la. Seleccionamos os gestos e as vozes que serão utilizados como continuadores da palavra, [...]. A palavra, por sua própria força, demanda gestos e expressões que surgem de forma orgânica, como continuidade, nunca como ruptura. [...]Um contador de histórias é também um agente de sua língua. Por isso a correção, a clareza, a eliminação de vícios de linguagem e a preservação da literariedade do texto, mesmo numa fala cotidiana, devem fazer parte de suas preocupações. (Sisto, 1992, s/p)

Isso implica dizer que, o professor ao contar a estória deve senti-la, vivê-la expressando-a de forma ardente e sugestiva. É importante que a história desperte a sensibilidade do professor, pois sem emoção ele não conseguirá envolver o seu público alvo, no caso, os alunos, pois um pode perceber aspectos e ter emoções diferenciadas ao ouvi-las. Por isso, ao contar histórias para as crianças não é necessário decorar, mas experimentar testar diversas possibilidades de exploração oral para contar com espontaneidade. É preciso remexer com a memória, buscar referências para a partir delas construir sua compreensão e proximidade com a narrativa. Para tanto, faz-se necessário a utilização de alguns recursos para dar mais realismo a história, como o corpo e a entonação de voz para cada personagem, o sussurro, as pausas, o silêncio, o olhar, os gestos e a clareza, tornando assim esse momento mais especial ainda. Girardello (2006, s/p.) nos traz o passo a passo para o contador de história envolver seus alunos. São eles:

- Faça uma seleção de títulos que desperte em você a vontade de passá-los aos alunos. É importante abrir o universo deles para diferentes narrativas, com temas como a vida e a morte, nossa origem e a humanidade, além de mitos;
- Para se familiarizar com a narrativa, treine contando para amigos e familiares
- Comece a narrar para grupos menores, enquanto você conhece as suas possibilidades. Reúna os ouvintes em roda para que eles se sintam próximos de você;
- Escolha recursos, como desenhos, bonecos, músicas e movimentos de dança, com os quais você se sinta mais à vontade;
- Use elementos expressivos, como imitação de vozes e movimentos com as mãos (estalar de dedos e palmas). Empregados na hora certa, eles fazem a diferença;
- Imagine os detalhes de todas as cenas e descubra a melhor maneira de entoar cada trecho (sem se preocupar em decorá-las);
- Preste atenção em alguns refrãos ou frases de impacto que podem ser repetidos sempre do mesmo jeito - porque são bonitos ou soam bem;

- Quanto mais a história for contada, maior o número de novas imagens que são incorporadas a cada cena. Esta é a peculiaridade da oralidade: cada um recria o conto;
- Projete a voz na sala e amplie os gestos para que o público não se disperse. Quando o enredo pedir um tom mais suave, todos entenderão o recurso e farão silêncio para ouvir;
- Antes ou depois da narração, conte de onde vem a história: de um livro, de um filme, da mitologia grega ou se aconteceu com alguém conhecido. Assim, a turma fica sabendo que também pode passá-la adiante;
- Ignore as peraltices de alguns e conte a história para o resto da classe. Se alguma coisa que os bagunceiros fizerem permitir, vale incorporá-la à performance, sem quebrar o clima da história;
- Contar histórias sempre envolve alguns imprevistos. O importante é não ter medo. Geralmente, as crianças querem que a narração prossiga. Então, elas vão ajudar você.

Sem dúvida, como estas certamente existirão muitos outros recursos que ajudarão o professor a colocar em prática seu lado contador de histórias. É oportuno lembrar que existe no professor um contador de história e que poderá aflorar por meio de tentativas práticas e não teóricas, porque esse aprendizado é fruto da observação e da busca por recursos internos que ele já possui como também pela realização de um processo de elaboração e de reflexão sobre a importância de contar histórias, para desenvolver a imaginação, resgatar a cultura oral e incentivar a escrita e proporcionar momentos lúdicos e de interação.

#### **2.4. A prática da literatura infantil na sala de aula.**

Antes de se refletir sobre algumas possibilidades de atividades com a literatura para crianças, devem-se tomar algumas atitudes para o trabalho com esse tipo de texto em sala de aula. Entender que a criança pertence a um grupo social, que é um aprendiz da cultura desse grupo e que a educação formal, ministrada nas escolas, deve ser construída como um prosseguimento desse aprendizado. Compreender a leitura como diálogo entre leitor e texto, entre contextos às vezes bastante diversos, e entender que essa atividade promove uma integração entre o momento da leitura (presente) e o da produção textual (passado), sendo capaz de estimular o imaginário e as emoções da criança.

Desse modo, a literatura pode e deve ser vista como um importante veículo para tais discussões, já que a literatura é a expressão máxima da arte e da alma de um povo.

A criança como todo ser humano é um sujeito histórico e social, ativo e receptivo, cognitivo, afetivo e emocional, inserido em uma sociedade, com uma determinada cultura. Como tal apresenta características próprias que devem ser levadas em conta. Sua diversidade de ideias provém de diferentes famílias, cada uma com sua maneira de pensar e agir, entre outras que necessitam ser conhecidas, respeitadas e valorizadas pela instituição educacional

A prática docente em educação infantil é permeada por vários desafios, dentre eles, destacamos dois, a saber: O primeiro diz respeito à dificuldade que o educador tem em despertar o “adormecido” na criança, ou seja, o prazer pela leitura, já que “formas de motivação verdadeira e um acompanhamento estimulante são sempre modos de ajudar o aluno a sentir-se em casa com o livro”(Cunha, 2003, p. 54). Rocha vem corroborar com essa ideia quando afirma que:

[...] a leitura não deveria ser encarada como uma obrigação escolar, nem deveria ser selecionada, vamos dizer, na base do que ela tem de ensinamento, do que ela tem de “mensagem”. A leitura deveria ser posta na escola como educação artística, ela devia ser posta na escola como uma atividade e não como uma lição, como uma aula, como uma tarefa. O texto não devia ser usado, por exemplo, para a aula de gramática, a não ser que fosse uma maneira muito criativa, muito viva, muito engraçada, muito interessante, porque se assim não for faz com que a leitura fique parecendo uma obrigação, fique parecendo uma tarefa e aquela velha frase de Monteiro Lobato – ‘É capaz de vacinar a criança contra a leitura para sempre. (Rocha, 1983, p. 4)

Isto significa que, a leitura não é um simples processo visual, ou expressão falada do que o olho vê. Para que o professor possa saber quais são as melhores formas de trazer a leitura para dentro de sua sala de aula como algo atraente e interessante, talvez o critério mais eficaz seja o seguinte: agir com seus alunos como gostaria que seus professores tivessem agido com ele próprio, para ajudá-lo a ser leitor interessado e disposto a enfrentar qualquer tipo de texto.

O segundo desafio que o professor enfrenta é como conduzir a aula de literatura e como escolher o livro que vai ser trabalhado em sala de aula, porque, geralmente, o processo de seleção de obras literárias é feito às pressas e sem critérios. Muitos professores escolhem algo que não leram, somente porque é um clássico ou porque consta no catálogo enviado pela editora. Outros, ainda, selecionam os clássicos que registram a realidade, os ideais, tradições e costumes, numa mistura de fantasia com realidade, como se fossem capazes de

responder às exigências de conhecimentos impostos pela escola. Isto significa que o professor não se preparou adequadamente para esse momento conforme explicitamos no item acima. O importante para a escolha da obra não é se ela é consagrada ou não, mas se vai contribuir para fazer com que a criança enfrente seus medos, vença suas angústias, desenvolva sua imaginação, conheça outros mundos, permitindo que ela tenha acesso à herança cultural da humanidade. Para tanto, faz necessário que o professor não veja a literatura infantil de forma deturpada. A literatura infantil deve servir para estimular o imaginário da criança de forma saudável, lúdica, ensinando-lhe a libertar-se pelo espírito, e para isso é preciso compreender sua estrutura, sua natureza. Razão pela qual torna o estágio, principalmente na fase da intervenção, mais gratificante e edificante pela participação e a empolgação das crianças com a temática trabalhada em sala de aula.

Diante disso, percebe-se que são grandes os desafios para chegarmos a uma leitura prazerosa, mas com nossa experiência em sala de aula, leitura e análises vimos e sentimos os benefícios que a literatura infantil nos oferece e com empenho teremos bons leitores capazes de “ouvir um conto e aumentar um ponto”, como diz o ditado popular, para exercitar sua imaginação.

Quando as crianças maiores ouvem as histórias, aprimoram a sua capacidade de imaginação, já que ao ouvi-las pode estimular o pensar, o desenhar, o escrever, o criar, o recriar. Num mundo tão cheio de tecnologias, onde as informações estão prontas, a criança que não tiver a oportunidade de suscitar seu imaginário, poderá no futuro, ser um indivíduo sem criticidade, pouco criativo, sem sensibilidade para compreender a sua própria realidade.

Foi nessa perspectiva que durante o estágio em educação infantil utilizamos a contação de história quase que diariamente, buscando sempre inovar e tornar as aulas mais atrativas e prazerosas, misturando a leitura com dinâmicas, explorando o imaginário infantil e levantando questionamentos sobre os assuntos que estavam sendo trabalhados, buscando assim elaborar bem cada aula, sempre relacionando o tema a ser desenvolvido a uma fábula, um conto, no caso “A branca de neve e os sete anões” dos Irmãos Grimm. Para a contação e reconto da referida história foram utilizados recursos variados como vídeos, fantoches, fantasias, confecção de portfólio. Todos esses recursos ajudaram as crianças a sentirem ainda mais prazer em aprender, em descobrir o novo, o diferente, além de perceberem que há outras formas de se ver, ouvir e sentir uma história, além dos livros.

É fundamental o professor agir como mediador no processo de aprendizagem e também como agente incentivador, buscando sempre meios para transformar suas aulas,

principalmente as de leitura, em momentos prazerosos, incentivando por intermédio de textos para que assim possa despertar a curiosidades dos alunos, com temas atuais, interessantes e variedades de gêneros. O professor deve trabalhar no sentido formar a consciência dos alunos de que ler pode ser uma atividade agradável e fundamental, pois, a partir do momento que o aluno percebe a função que a leitura tem, ele vai mudar seus conceitos e buscará fazê-la com mais frequência. O professor precisa perceber que o seu papel dentro da sala de aula é ser um incentivador de conhecimentos, fazendo com que seus alunos se desenvolvam educacionalmente e socialmente na vida, fazendo-os reconhecer a leitura como parte essencial da sua vida em todos os momentos, seja ela verbal ou não-verbal. Isso evidencia que a literatura infantil abre muitas portas ao mundo mágico do imaginário infantil e fornece às crianças o necessário para bem conviver com a realidade circundante, tornando-as mais participantes na vida social com a qual elas convivem tanto em casa quanto na escola.

Portanto, o ato de contar história deve estar interligado com escola e professor, para assim buscar diferentes maneiras de atrair a atenção de seus alunos para mostrar-lhes o quão importante e divertido pode ser a leitura de contos literários.

Incentivar o aluno a evoluir e superar suas dificuldades é uma tarefa difícil, mas é necessário que o professor mostre para o aluno que ele é capaz e com isso aumente a sua autoconfiança e se desenvolva cada vez mais, tendo em vista que “o professor não deve pensar no que a criança é, mas no que ela pode se tornar” (Lino de Macedo). Dizendo com outras palavras, o que pretendemos evidenciar é que nem toda ou qualquer contação de história ou prática de leitura feita em sala de aula poderá, necessariamente, formar alunos leitores. Para tanto é preciso que o professor veja com clareza os objetivos que quer alcançar ao propor a contação de histórias ou leitura das mesmas dentro ou fora da sala de e se prepare para essa ação educativa.

### **3. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

No decorrer deste artigo foi possível perceber a importância da literatura infantil na construção do desenvolvimento intelectual da criança. Sendo assim o professor é a peça principal para que isso aconteça, pois cabe a ele instigar seus alunos a buscar cada vez mais o hábito e o prazer pela leitura.

Buscou-se conhecer um pouco mais sobre a literatura infantil, seus aspectos mais importantes e a educação infantil como uma etapa de ensino para promover uma educação de qualidade para as crianças. Pôde-se então, entender que a literatura infantil faz parte da vida desde sempre e vai continuar fazendo, por isso, é essencial que o educador busque a cada dia melhorar sua prática docente, em especial como contador de história, visando mostrar ao alunado que não pode se desenvolver sem a leitura, para que e assim, eles possam modificar suas opiniões negativas com relação a leitura e comecem a criar o habito de ler, tendo em vista que ler é conhecer o que nos é diferente, estranho ou ainda exótico. Lemos por que precisamos. A leitura pode ser feita de várias maneiras, mas principalmente aquela que é feita por fruição<sup>1</sup>, já que as fábulas, lendas e contos, são histórias que cativam os leitores de todas as idades. O maravilhoso mundo dos contos de fadas faz com que aos poucos a magia, o fantástico, o imaginário deixe de ser visto como pura fantasia para fazer parte da sua vida diária de cada um, inclusive dos adultos ao permitirem em muitos momentos se transportarem para este mundo mágico, onde a vida se torna mais leve e bem menos trabalhosa. Para tanto, o professor necessita desenvolver técnicas e lançar mãos de materiais adequados para favorecer a ludicidade e a dramatização da história.

A literatura consultada e a nossa experiência em sala de aula ressaltam que os professores/contadores de histórias precisam acreditar em seu potencial pedagógico (no contador de história que há dentro dele) e nos recursos utilizados como uma opção metodológica para criar um espaço de reflexão e análise sobre as práticas escolares, dentre elas, a contação de histórias.

Diante do exposto, registramos que o conhecimento adquirido durante o processo de elaboração deste trabalho não é o fim, mas o caminho e a busca de novos horizontes teóricos e metodológicos para o ensino eficaz da leitura.

---

<sup>1</sup> Leitura por fruição é aquela que põe em estado de perda, aquela que desconforta (talvez até um certo enfado), faz vacilar as bases históricas, psicológicas do leitor, a consistência de seus gostos, de seus valores e de suas lembranças, faz entrar em crise em relação com a linguagem.

## **ABSTRACT**

Recognizing the importance of children's literature and encouraging the formation of habits for reading in childhood is what this article is about. Children's literature is the magic link that links the child from early childhood education, the first stage of basic education, to the wonderful world of fairy tales, fables and other stories contained in the most varied literary supports, but what will instill at will in children by literary world is the way parents and teachers pass on reading to it. It is necessary, then, that the books are always present in the life of the students becoming this reading more than special and pleasant, since a good literature develops the interaction, the cognition, besides being a source of fantasy and pleasure. For the elaboration of this work a theoretical research was carried out, which had as methodological reference the bibliographic research, from the reading of authors like: Abramovich (2008); Cunha (1990); Cunha (2003); Girardello (2006); Rocha (1983); Sisto (1992); Mackey and Reganhan (2009); Paco (2009). This article addresses issues such as the importance of early childhood education, the challenges of children's literature, the training of the pre-school teacher, the practice of literature in the classroom and it was concluded that it is essential to use this tool in the classroom to wake up small readers, especially of early childhood education and stimulate them to live the world of imagination, which can not always be experienced in reality.

**Keywords:** Infant Education; Children's literature; Training of the child education professional / storyteller.

#### 4. REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil: Gostosuras e Bobices**. 5ª Edição. São Paulo: Scipione, 2008. 13ª impressão.
- BRASIL. MEC. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília, 1996.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**, Brasília: MEC/SEF. 1998
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: 1988.
- CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura Infantil: Teoria e prática**. 10ª Edição. São Paulo: Editora Ática, 1990.
- CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura Infantil: Teoria e prática**. 18ª Edição. São Paulo: Editora Ática, 2003.
- FILHO, José Nicolau Gregorin. A literatura infantil na sala de aula. IN:\_\_\_\_\_. **Literatura infantil: múltiplas linguagens na formação de leitores**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2009. cap. 6, p. 73-89.
- FUNDAÇÃO MARIA CECILIA SOUTO VIDIGAL. **O que é educação infantil**. São Paulo. Disponível em: <<http://fmcsv.org.br/pt-br/Paginas/o-que-e-educacao-infantil.aspx>>. Acesso em: 10/09/2017.
- GIRARDELLO, Gilka. **Passo a passo para cativar a plateia**. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/2559/a-arte-dos-contadores-de-historia>>. Acesso em: 24/10/2017.
- MACKEY, Letícia; REGANHAM, Simone Gonçalves. **A importância da educação infantil no processo de escolarização**. Revista das Faculdades Integradas Claretianas, Rio Claro, n. 2, p. 58-70, jan./dez. 2009.
- MAIA, Joseane. Literatura para crianças e jovens e alfabetização: nutrindo o imaginário e construindo significados. In:\_\_\_\_\_. **Literatura na formação de leitores e professores**. São Paulo: Paulinas, 2007. cap. 2, p. 47-56.

MACEDO, Lino de. In. **[http://www.virtual.ufc.br/cursouca/modulo\\_4\\_projetos/conteudo/unidade\\_1/Eixo1-Texto9.pdf](http://www.virtual.ufc.br/cursouca/modulo_4_projetos/conteudo/unidade_1/Eixo1-Texto9.pdf)**. Acesso em: 10/09/2017.

MARA, FIGO, Elisangela Carboni. **A Importância Da Literatura Infantil Na Formação De Uma Sociedade De Leitores**. Faculdade Estadual De Educação, Ciências E Letras De Paranavaí. São Joaquim. Disponível em: <<http://www.uniedu.sed.sc.gov.br/wp-content/uploads/2014/01/Elisangela-Carboni-Marafigo-Padilha.pdf>>. Acesso em: 08/09/2017.

PAÇO, Glaucia Machado de Aguiar. **O encanto da literatura infantil no CEMEI: Carmem mortes paixão**. Mesquita: UFRRJ, 2009.

**Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**. Disponível em: <[www.sbu.unicamp.br/ser/ojs/index.php](http://www.sbu.unicamp.br/ser/ojs/index.php)>. Acesso em: 10/09/2017.

ROCHA, Ruth; PIRES, Hildenburg da Silva. **Minidicionário da Língua Portuguesa**. 11ª Edição. São Paulo: Scipione, 2001. p. 377.

ROCHA, Ruth. Pra não vacinar a criança contra a leitura. **Leitura: teoria & prática**, v. 2, p. 3-10, out. 1983.

SISTO, Celso. **Textos e pretextos sobre a arte de contar histórias**. Disponível em: <<http://www.artistasgauchos.com.br/celso/ensaios/artecontarhist.pdf>>. Acesso em: 22/10/2017.

## 5. APÊNDICE



CONTAÇÃO DE HISTÓRIA



HORA DA LEITURA



HORA DE CADA CRIANÇA TER UM CONTATO COM UM LIVRO



LITERATURA INFANTIL



MOMENTO LÚDICO: DRAMATIZAÇÃO DA HISTÓRIA A BRANCA DE NEVE E OS SETE ANÕES